



# Entrevista com Alexandre Velly Nunes

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Marcelo Pires

Cobertura digital: Manuela Emmel

Transcrição: Nicole Passos

*Quando chegamos ao Ginásio Bugre Lucena para conversar com o extensionista Alexandre Velly Nunes, numa manhã de março de 2026, de cara uma cena chamou a atenção da equipe da Revista da Extensão: na recepção do ginásio, dezenas de familiares aguardavam suas crianças, que praticavam uma aula de judô do Projeto Bugre Lucena, coordenado por Nunes. Foi uma pequena mostra do impacto social da extensão universitária na comunidade, trazida à tona por um dos projetos de extensão há mais tempo em atividade na UFRGS. Nessa entrevista, ocorrida após uma animada aula dada a estudantes de graduação, Alexandre conversou conosco sobre judô, sua trajetória no esporte, o Projeto Bugre Lucena, a importância do esporte como fator de inclusão social e outros tantos assuntos relativos à extensão universitária.*

**Revista da Extensão:** O Projeto Bugre Lucena é do início dos anos 1990. Ele coincidiu com o início da visibilidade do judô como esporte olímpico relevante no Brasil, a partir das medalhas de ouro do Aurélio Miguel, em Seul (1988) e do Rogério Sampaio, em Barcelona (1992).

**Alexandre Velly Nunes:** Exatamente. Como acontece em todos os esportes, o judô precisava de um nome, de um herói. Então, tivemos em 1972 o professor Chiaki Ishii, que foi medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique. Mas ele era um japonês naturalizado - para nós, do judô, ele era um herói nacional, mas ele ainda não deixava claro que um brasileiro nato pudesse chegar lá. Eu fiz o meu trabalho de doutorado pesquisando os heróis olímpicos brasileiros, medalhistas de Mundial e de Olimpíada. Foi minha tese da USP, de 2011; entrevistei todos eles. Esses medalhistas da geração depois do Ishii diziam que o sensei Ishii, com certa idade já para ser competidor,

pegava a seleção brasileira dos Jogos de 1980, em Moscou, colocava todos eles parados na frente e ganhava de todos. Então um deles me disse assim: “eu não sei se aquilo era bom ou era ruim. Porque, se ele batia em todos nós, o que é que nós íamos fazer lá nos Jogos?”.

Então, o Aurélio Miguel, campeão em 1988, foi realmente um diferencial. Na época ele era um garoto muito jovem, já tinha mostrado muito potencial. Em 1984 ele já poderia ter ido aos Jogos, mas quem acabou indo foi o Douglas Vieira, um outro amigo nosso também. Ele foi o primeiro finalista dos Jogos Olímpicos, fez a final de 1984 contra o Ha Hyoung-Zoo, um coreano, e foi vice-campeão, perdeu na disputa das bandeiras. E o Aurélio, quando vai em 1988, não tinha expectativa de ser campeão olímpico, porque a gente tinha a ideia da síndrome de Gwaipeca, como chamamos: a gente luta como nunca e perde como sempre, para os japoneses e para os outros. Mas o Aurélio era um cara diferente, ele não

acreditava nisso. Ele já tinha demonstrado ser diferente quando foi campeão mundial júnior, em 1983. Ele foi e, então, quando viu: estava na final com o japonês; e o treinador mesmo não dizia que ganharíamos, ele disse: “Aurélio que legal, medalha de prata, já é uma medalha fantástica!”; e o Aurélio correu o treinador de dentro e disse: “ah não, aqui não tem prata, vim aqui foi para ganhar.” Mas a gente não conseguia imaginar que pudesse ganhar. Sorte que o Aurélio era diferente.

**Revista da Extensão:** Depois ele ganhou o bronze em Atlanta, em 1996.

**Alexandre Velly Nunes:** Sim, foi bronze depois, e machucado, ainda. Em 1992, em Barcelona, eu estava lá presente, assisti o jogo, participei da organização, em uma área do conteúdo de doping, junto a um grande professor que me levou para esse espaço, o doutor Eduardo Henrique de Rose. O Aurélio lá já não ganhou, porque ele machucou o ombro na semifinal. Estava machucado, mas foi quinto colocado. Em 1996, a gente esperava que ele fosse campeão, mas ele perdeu uma luta para um cara que, estrategicamente, era muito bom, o polonês Pawel Nastula, e foi bronze. Portanto, o Aurélio sempre foi um lutador muito diferente. Depois que ele ganha medalha, as escolinhas de judô no Brasil inteiro lotam. Ele passa a ser uma figura pública, foi o primeiro a ter um assessor de imprensa. Ele foi para a mídia, porque se tu não vende o teu produto, não tem como continuar. E o Aurélio soube vender muito bem. Em 1992 teve o Rogério, um outro amigo nosso, que foi campeão. E o judô ganha, então, medalha em todos os jogos, desde 1984. Isso sempre que aparece, claro, que é de quatro em quatro anos. Antes era só o pessoal de São Paulo e Rio, era o centro do país que aparecia. Agora, não, agora a gente já vê outras influências, como aqui no Rio Grande do Sul.

**Revista da Extensão:** O que contribui para

esse sucesso do judô nos jogos? Judô e natação são esportes onde o Brasil sempre é tido como candidato a medalha. No caso do judô, essa cultura começou a partir do Aurélio?

**Alexandre Velly Nunes:** Bem, o Aurélio e o Rogério foram de uma geração que lutavam por si mesmos. Não tinha estrutura de confederação. Quer dizer, até tinha uma estrutura mais solta, feita há mais de 20 anos. Mas, não tinha uma estrutura de judô, como conhecemos hoje. Eram dois caras obstinados. Mas nós temos uma cultura japonesa, temos uma imigração presente desde 1908, o que faz o nosso judô um pouco japonês, e isso contribuiu muito. Mas esse judô japonês era mais em São Paulo, norte do Paraná... A gente aqui no Sul não tínhamos tantos japoneses. Nossa comunicação aqui com a cultura japonesa era a partir de Ivoti, na década de 1960. Estávamos muito atrás. No Nordeste também não havia japonês, era apenas em São Paulo. Por isso, lá foi um centro que realmente teve esse domínio, mas depois isso se espalhou pelo resto do Brasil. Somos o país do mundo que tem mais japoneses depois do Japão. Estamos na quinta ou, talvez, agora, sexta geração de Nikkeis (NR: imigrantes japoneses e seus descendentes que vivem fora do Japão). Então nós temos essa cultura.

**Revista da Extensão:** O seu interesse pelo judô foi desde que o senhor começou como estudante de Educação Física?

**Alexandre Velly Nunes:** Não, foi muito antes. Sou egresso da escola pública, fui aluno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Lá no Julinho a gente tinha um grupo de professores de Educação Física qualificados, e tinha aula de Judô. Pedi para o meu pai para ingressar; ele já havia praticado judô na academia de lá, na Porto-Alegrense, na Avenida Independência. E eu, quando tinha em torno de cinco ou seis anos, ia assistir o meu pai lutar. Mas lá eu não entrei no judô, quando chegou o



esporte no colégio eu já tinha dez anos, já era grande quando consegui entrar no judô da minha escola. E os professores davam aula também no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, e na Escola de Educação Física aqui da UFRGS. Então eu fui atleta escolar lá durante toda a minha vida de Julinho; ainda do tempo do “científico”. Quando eu fiz o vestibular para a UFRGS, eu já era faixa marrom de judô. Depois, logo em seguida, eu fui faixa preta, que era meu objetivo. E o meu treinador lá, no Julinho, era o professor Francisco Xavier de Vargas Neto, ele era o treinador da Sogipa. Então, ele levou a mim e a um outro grupo de garotos ali que começaram a despontar para ser atleta da Sogipa. Aí, desde 1975, eu sou atleta do clube. E, nessa época, tínhamos algum destaque, mas era insignificante. Assim como os brasileiros não ganhavam dos japoneses nos jogos, não ganhávamos dos jogadores de São Paulo.

**Revista da Extensão:** E o senhor chegou a competir em algum rendimento?

**Alexandre Velly Nunes:** Sim, eu competi! Depois disso, entre 86 e 87, morei no Japão. Treinei em uma universidade lá. Eram dois treinos por dia, todo dia, de segunda a sábado. Apenas domingo não havia treino. E, assim mesmo, o sensei chegava lá e dizia “hoje tem competição em tal lugar”, e, então, nós íamos. Morei no Japão entre agosto de 1986 e fevereiro de 1987. Como você deve saber, não havia telefone celular, não tínhamos comunicação, então o que fazíamos? Nós mandávamos cartas para casa. Eu era casado, mandava cartas que levavam 12 dias para chegar. Mandava para o clube, para cá... E, então, quando eles respondiam, eu já havia mandado uma outra carta. Era assim. Tinha um telefone, também, mas era caro telefonar. São 12 horas de diferença entre os locais de ligação, era difícil. Eu não falava japonês, e os japoneses, na época, não falavam inglês. Então, eu sobrevivi seis meses no Japão, sem dinheiro e com muitas dificuldades. Na época, eu já era professor do Colégio de Aplicação, estava encerrando minha carreira de atleta na Sogipa, - hoje sou



laureado no clube.

**Revista da Extensão:** O senhor deu aula no Aplicação antes de vir para cá?

**Alexandre Velly Nunes:** Sim, ministrei aulas lá por uns 10 anos ou mais. Teve uma época que eu tinha 20 horas no Aplicação. E então fiz concurso para cá, também, para a disciplina de judô, quando o meu professor, o Bugre Lucena, se aposentou. Isto foi entre os anos de 1986 e 1987, um pouquinho antes de ir para o Japão.

**Revista da Extensão:** Como é que o senhor teve a ideia de abrir um projeto de extensão? O senhor foi egresso de escola pública, praticou o judô lá. Imagino que isso lhe trouxe uma perspectiva especial para a situação.

**Alexandre Velly Nunes:** Acredito que essa perspectiva é fundamental. Pensar o esporte na escola pública é crucial, eu acredito nisso até hoje. Foi pela escola pública em que eu

comecei com o esporte. Cheguei a falar com meus alunos, numa aula que dei recentemente, sobre esse assunto. Eu disse: “Pessoal, a Educação Física está acabando.” Eu fazia aula de Educação Física na minha escola três vezes por semana, e ainda tinha o judô, que era fora do horário. Depois, passou a ser duas e, agora, já é uma vez por semana. E tem escola que já não tem mais Educação Física no terceiro ano. Está acabando o esporte na escola pública, infelizmente. Eu era um menino de baixa renda, meu pai era bancário, minha mãe era do lar. Então, a situação socioeconômica era média a baixa, não podíamos pagar a Sogipa. Eu comecei a entrar no clube como atleta, porque tinha uma carteirinha de sócio-atleta, senão, nunca teria entrado na academia. E levou um ano para eu poder ir na piscina - o sócio-atleta, ganhava uma carteirinha verde, que não permitia frequentar a piscina. Os atletas alemães de lá não gostavam daqueles meninos de baixa renda, como eu e os meus amigos. Afinal, eu sou um “Nunes”, não sou um “Zimmermann”.



Depois, passei para uma outra categoria, que era sócio-militante, que podia ir na piscina. Então, na época, fiquei muito feliz, conseguia frequentar as festas e a piscina! Então, na Sogipa, tu concorria pelos teus pontos e ganhava, mil pontos ou dois mil pontos na época, o que gerava a carteira de sócio-laureado, que é o que eu sou, e como sócio-laureado tu tem direito a outros benefícios. Minha família usufruiu disso, meus filhos se criaram na Sogipa. Depois, fui, também, treinador por mais de dez anos. Fui *head coach* lá. Até que eu fiz concurso para a Universidade. E então, quando eu entrei para cá, tive que deixar a carreira de treinador lá no clube.

**Revista da Extensão:** Esta é uma história de uma pessoa de classe média/baixa, como o senhor falou, e, pensando assim, podemos assumir que muitas portas se abriram para o senhor em razão do esporte, certo? Da mesma forma, o quanto diminuir o acesso ao esporte não retira, também, muitas oportunidades para pessoas de classe baixa na escola pública? Isso, claro, sem falar na questão da saúde dos estudantes...

**Alexandre Velly Nunes:** Claro! Isso sem falar que estudos mais recentes já mostram que há o desenvolvimento do “BDNF”, o *Brain Neurotrophic Factor* (Fator Neurotrófico Derivado do Cérebro), que é uma proteína essencial para o funcionamento do cérebro. A atividade física desenvolve essa proteína no cérebro de crianças, adolescentes e adultos de todo o mundo. Muitos sabem dessa importância, ainda mais com o acesso a internet atualmente. Quando eu fui aluno aqui, os professores eram as autoridades máximas de qualquer coisa, o que o professor dissesse era lei. Não havia nenhuma chance de eu ter alguma informação que não fosse da boca do professor ou da professora. O livro mais atual da biblioteca tinha 10, 15 anos. Hoje, qualquer coisa que eu falar para meus alunos aqui pode ser conferida na mesma hora. Eu preciso preparar a minha

aula não de acordo com a do semestre passado, mas, sim, com a da semana passada. Mas isso eu estou feliz que mudou, funciona bem no ensino.

Portanto, pela época, a gente dependia muito da instituição e dos professores, mas, na escola pública, eu tive oportunidades, eu sou muito grato ao Julinho. Mas, então, claro que eu admirava quem? Meu treinador. Eu tinha treinadores rigorosos. Enfim, a minha vida acabou sendo o Judô. Primeiro como atleta, depois como treinador, e minha carreira como atleta acabou quando eu fui laureado. Quer dizer, é um esporte nada profissional.

A minha profissão era tentar ser laureado. Logo após, nasceu minha filha, e estou casado com uma colega de faculdade. Nós dois estamos trabalhando; tem que ganhar dinheiro, o clube não te paga. Acabei competindo mais uns anos ainda, mas não era profissional. Daí a expectativa da nossa carreira no esporte é ser treinador. Então, em 1980, eu comecei lá como treinador do clube, fiquei até entrar para a universidade. E então, aqui, no projeto, eu fui direcionado por um colega meu, o professor Luiz Fernando Kruehl, da natação, que já fazia um projeto anterior.

**Revista da Extensão:** Entrevistamos ele aqui mesmo, na Revista da Extensão, em 2016.

**Alexandre Velly Nunes:** Pois é, o Nando, meu colega de turma. Eu fui “bicho” dele aqui. Ele entrou como professor um pouquinho antes de mim, também, e começou um projeto de extensão que foi um dos mais antigos da universidade, nos anos 1980. E aí ele disse “pô, cara, por que tu não faz uma extensão?” Então, em 1991, eu criei uma extensão. Foi o Nando que me trouxe para a extensão. Eu não era mais treinador de clube, e eu queria treinar. Então, eu criei uma escolinha, que depois cresceu; então, eu trabalhava com o esporte escolar, porque os meus alunos eram da região aqui. Eram os aqui dos blocos, e os da Bonja

(NR: Vila Bom Jesus, região periférica de Porto Alegre).

Logo, eu fui crescendo e comecei a incentivar os meus alunos a disputarem campeonatos. A gente tinha atleta filiado na federação desde 1991. Fui construindo uma equipe universitária, começamos a ganhar e, logo, fui fazendo equipe de crianças, e a gente começou a beliscar uma medalha aqui, outra ali, e fomos crescendo; no universitário, que é um nível abaixo, ganhamos mais de 10 anos. Paramos de ganhar no universitário quando as demais instituições começaram a fazer equipes profissionais, como é o caso da Sogipa, que montou um curso universitário com os jogadores da Seleção Brasileira.

A Sogipa, aliás, é o meu clube, continua sendo, lá há uma placa com meu nome. Eu vou lá, treino, me movimento em cima do tatame, com meus cabelos brancos, tenho respeito pelos jogadores. Mas, então, o que que eu fiz? Eu me concentrei em ser um extensionista, e virei o treinador da universidade. Que não é o que a universidade queria, mas eu fiz isso (risos).

**Revista da Extensão:** No momento em que entramos aqui no ginásio, vimos dezenas de pais e mães aqui, esperando as crianças saírem da atividade de extensão. A Universidade pode não buscar isso ativamente, mas esse é o papel que ela tem a cumprir com a comunidade, e é extremamente relevante.

**Alexandre Velly Nunes:** Que bom que vocês acham isso!

**Revista da Extensão:** Claro! Isso é extensão. Isso sem falar que o esporte é uma ferramenta de inclusão social extremamente importante. As pessoas acham que é só entretenimento, e também é, mas é saúde, inclusão... O país que não investe em esportes está fadado a ficar com essas lacunas no seu desenvolvimento.

**Alexandre Velly Nunes:** É o que eu ensino aqui para eles, explico o seguinte: “o que a gente gosta de ver na televisão é a seleção, mas sabe quantos por cento dos praticantes de judô estão nesse *top* que vemos na televisão? Que são de alto rendimento?” Mesmo que não apareça na televisão, alto rendimento é 3%.

Nós recebemos aqui em Porto Alegre, em março, um treinador português, o Nuno Delgado, primeiro medalhista português do judô. Ele é meu amigo porque eu fiz meu pós-doutorado lá em Lisboa e trabalhei com o Nuno na academia dele. E é da União Europeia de Judô, trabalha na parte educacional. O primeiro slide da aula que ele deu para Federação Gaúcha aqui mostra um *iceberg*: a ponta do *iceberg*, que é a menor parte, é o judô de competição federativa de rendimento; “debaixo da água” é onde está a maioria: os alunos da escolinha. Você não vai federar todo mundo, apenas a minoria. O judô foi fundado pelo grande Jigoro Kano. Segundo ele, não era para o judô ser esporte; ele definia o judô como “método de educar o corpo, a mente e o espírito”. Mas, como ele foi o primeiro japonês a fazer parte do movimento olímpico, e foi contemporâneo do Coubertin (NR: Barão Pierre de Coubertin - fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna), Barão queria colocar o judô como esporte. Ele explicou que o judô não era um esporte, era, sim, formação e educação. Mas o Coubertin insistiu muito.

**Revista da Extensão:** Isso foi na primeira Olimpíada, 130 anos atrás?

Alexandre Velly Nunes: Foi em 1940, a Olimpíada que não existiu. Coubertin morreu em 1937, e o Kano, que é de 1860, viveu até 1938. Mas tem esse documento de 1909, que é uma carta de Jigoro Kano, que eu peguei lá no Museu Olímpico de Lausanne, numa pesquisa que eu fiz, em que vi todas as cartas trocadas entre Coubertin e Kano. Em 1909 tem uma





carta assinada por ele, aceitando ingressar no movimento. O primeiro oriental a ingressar no movimento Olímpico. Eles o convenceram a colocar o judô nos Jogos Olímpicos em 1936, em Berlim. O judô então entra no Programa Olímpico de 1940, “a Olimpíada que nunca ocorreu” em função da Segunda Guerra Mundial, mas, eles não souberam, porque eles morreram antes disso. O judô então está no programa Olímpico desde 1940, só que ele só vai aparecer, de fato, na Olimpíada de Tóquio em 1964, como modalidade.

Atualmente o Brasil é um dos países que mais investe no esporte. Às vezes a mídia acha que não investe.

**Revista da Extensão:** A quantidade de medalhas que o Brasil ganhou a mais nos últimos anos é reflexo disso.

**Alexandre Velly Nunes:** Não é de graça, cada medalha carrega um preço. Eu tive a

oportunidade, por mais que eu, como atleta, não tenha conseguido ser seleção nacional, de ir a jogos olímpicos. Como treinador, participei da Confederação Brasileira de Judô entre 2000 e 2003. Atuei como preparador físico e participei de eventos internacionais, em atuação com o doutor Eduardo de Rose, que trabalhava na equipe de controle de doping do Brasil. Comecei nos Jogos de Barcelona, em 1992. E tive a oportunidade de participar, então, de seis edições, de Barcelona até a Rio 2016 - dos Jogos de Londres eu não participei, fui só assistir. Em 2016, no Rio de Janeiro, estive na equipe que organizou. Participei, também, dos jogos Pan-Americanos, desde Mar del Plata, em 1995, até Toronto, em 2015. Ajudei na organização do Rio 2007. Eu tive uma rodada internacional presente no judô, também com as mundiais, e isso me deu oportunidades de conhecer um pouco mais do judô internacional, de ganhar uma vivência que eu trago, de certa forma, aqui para a escola, como professor.



**Revista da Extensão:** Queria falar sobre o Bugre Lucena, conectar com a ideia, também, do impacto que o esporte traz para essas pessoas que praticam o judô fora da “ponta do iceberg”, que comentamos, sabendo que elas são a maioria. Como é que o senhor enxerga isso tudo? Há 35 anos fazendo este projeto, imagino que tenha várias histórias para compartilhar conosco, inclusive de superação.

**Alexandre Velly Nunes:** Como eu te comentei antes, a minha grande decepção, como é para todo mundo, foi que a pandemia acabou com o meu projeto. A UFRGS custou muito a voltar e, com isso, perdi os meus alunos, perdi profissionais, perdi tudo. Mas, até então, a gente teve essa experiência de começar com os meninos aqui da redondeza. Eu trabalhava com a escola estadual Leopoldo Tietböhl.

Eu venho de judô escolar, então o que eu fiz? Eu ia nas escolas. Eu ia aqui no Tietböhl, falava com o professor de Educação Física e trazia os alunos para fazer aula aqui. Durante dois

anos, inclusive, a aula de Educação Física era a minha aula de judô. Eu dava um semestre para cada turma, eram as turmas de 5º, 6º e 7º ano. Durante o semestre vinham os outros, e, depois, eles ficavam na minha equipe.

Mas o poder de transformação maior foi com os meninos aqui da Vila Bom Jesus. Começou com um professor, já falecido, o professor Eduardo. Ele disse: “não quer trabalhar com os meninos da prefeitura?” Eu disse “sim, trabalho de graça com eles, não tem problema.” Mas o problema é que eu tinha que fazer eles virem para cá. Com sorte, conseguimos um apoio da Prefeitura. Na época, eles davam as passagens de ônibus para eles, tinha as “fichinhas”. Então, eu comecei a trabalhar com três escolas aqui de Bom Jesus. Eles pegavam a ficha de ônibus e vinham para fazer aula de judô, e elas lotavam, começavam pela manhã e se estendiam até tarde da noite. E eu dava conta com os meus bolsistas, quando a extensão conseguia me disponibilizar eles. Eu tinha dois bolsistas remunerados, um monitor,



um bolsista voluntário, o Rodrigo Trusz, que trabalhou aqui, e o Gustavo Schumacher.

**Revista da Extensão:** E o impacto social do projeto na Vila Bom Jesus?

**Alexandre Velly Nunes:** A situação socioeconômica era baixa, com vulnerabilidade social acentuada. Ainda assim, eu formei alguns bons atletas com eles. Mas o objetivo real mesmo era eles não caírem no tráfico, e é essa conquista que nos dá maior orgulho. Entravam aqui em torno de 20 meninos da Bonja e trabalhávamos com eles com disciplina rígida.

Por exemplo, nas escolas temos as vassouras e equipamentos de limpeza, porque os meus alunos varrem o tatame, e, na época que eu tinha essas escolinhas, eles limpavam o banheiro, também. Isto começou porque, a responsabilidade de limpar o banheiro, não era só uma questão da tradição japonesa, era, também, porque se eles não limpassem, eles sujavam. Chegou a ter um dia que o vice-diretor queria que eu acabasse com a escolinha, porque o banheiro chegou numa condição bem ruim: eles juntavam os papéis higiênicos, faziam uma bolinha, jogavam e grudavam no teto do banheiro. Então, a partir disso, escolhi dois para limpar o banheiro a cada dia. O que aconteceu? Os dois que limpavam o banheiro, não queriam sujeira, acabavam impedindo os outros alunos de deixar o banheiro sujo.

Havia casos mais delicados, como aconteceu uma vez, em que um menino veio para a aula com a ferida de um tiro no pé e com uma faixa amarrada no local. E, mesmo assim, na outra semana, esse mesmo rapaz foi terceiro colocado no estadual, com uma atadura feita por nós. Era assim o dia a dia com as aulas, essa é a nossa realidade.

**Revista da Extensão:** Isso é o impacto social do esporte.

**Alexandre Velly Nunes:** É, o impacto social. Eu tive uma época com um professor do estado - eu brigava sempre com os secretários do estado e do município. Quando mudava o prefeito, aí eu conseguia alguém, como o Sérgio Zimmer, professor do estado. Consegui cedência para ele, para trabalhar com os meninos do estado. Mas, se muda o prefeito ou muda o governador, podemos perder o acesso. Fazemos relatórios para o governo e entregamos para ele: "atendemos tantas crianças, de tantas escolas, de forma gratuita e nós fornecemos os quimonos".

**Revista da Extensão:** Acho que isso é um ponto de todo treinador, certo? Tem que ter disciplina, mas tem que ter jogo de cintura também, porque se lida com seres humanos, situações diferentes... Todo esporte é um pouco isso, também. Mudando de assunto: a atividade de extensão hoje acontecia ao mesmo tempo da sua aula na graduação? É isso mesmo?

**Alexandre Velly Nunes:** Acontece. E de noite, que eu tenho a turma de judô 2, que é o tópico



especial de judô, a minha turma só acontece dentro do projeto, que é o 150+ e os deficientes visuais. Porque eu dou algumas aulas muito específicas, teóricas, mas a prática deles é durante a aula. Eu faço com que eles aprendam a trabalhar dentro do projeto do professor Schumacher, que é o nosso projeto. É muito diferente quando há uma aula em que eu vou a frente, ensino e o aluno compreende, pois não adianta apenas mostrar, eu preciso fazer com que ele entenda, ele e o grupo, que é um grupo que já faz dois anos, agora três, que é o 150+ (é 150 somando o peso e a idade). Eu só aceito quem tem 150 ou mais nessa soma. Nesse grupo, a gente trabalha de kimono, é uma prática, mas não é mais aquele treino lá da Sogipa, do União.

**Revista da Extensão:** Mas o projeto aceita uma série de públicos, muito diversos. Deve ter uma lista de espera para entrar, imagino?

**Alexandre Velly Nunes:** Sim. Agora estamos só com uma escolinha de crianças, que acho que está começando, mas vamos abrir mais. Temos também aulas de jiu-jitsu e karatê.

**Revista da Extensão:** O senhor tem projeto de extensão de rugby também, certo?

**Alexandre Velly Nunes:** Sim, porque foi o que eu comecei. Mas ele não é o Bugre Lucena. O rugby foi o seguinte: eu fui no campeonato mundial de rugby trabalhar, como a parte que eu falo de controle de doping, certo? E aí, quando eu cheguei lá, os brasileiros disseram, “pô, por que que nós não começamos no rugby na universidade?”. Eu não sabia nada de rugby. Mas, então, eles vieram conversar comigo e eu criei o projeto de rugby.

**Revista da Extensão:** E você praticou? Porque eu achei muito curioso um professor de judô abrir um projeto de rugby.

**Alexandre Velly Nunes:** Pratiquei durante

dois meses com eles ali, porque eu queria aprender. Eu sou um cara da prática. Eu, se não praticar, não consigo. Então, eu treinei rugby dois meses com eles. Não era o que eu queria fazer, mas eu precisava entender, certo? Eu gosto muito de dar o seguinte exemplo: vamos supor que tu estás morrendo de fome. Aí, eu vou te dar uma aula teórica sobre como é que eu vou comer a pizza. Eu vou dizer: “olha, a pizza tá cheirosa, ela é calabresa e o queijo tá derramando...” Isso vai matar a tua fome? Não, pois isso é a teoria. Na prática, eu vou te dar um pão velho e tu vai comer. Então, eu sou da prática. A teoria é importante, claro, afinal eu sou acadêmico, tenho um mestrado, que eu fiz aqui na ESEFID. Meu doutorado foi na USP, eu terminei em 2011. A minha tese depois se transformou nesse livrinho aqui, que é “Judô: o caminho das medalhas”. E o meu pós-doutorado foi na FMH, na Universidade de Lisboa, onde eu reproduzi a metodologia de história oral do judô brasileiro. Recontei a história do judô brasileiro, reproduzi escrevendo uma história do judô português. Porque, coincidentemente, eu, como todos nós, somos uma mistura, eu também sou português e, agora, tenho dupla cidadania. Então, acabei sendo treinador lá, também, criando vínculos.

Então, o que eu fiz na universidade foi isso: criei uma escolinha que virou uma equipe e eu virei treinador da universidade. A universidade queria um acadêmico, mas eu não fui apenas um acadêmico (risos). Claro que teve um momento da UFRGS em que eu fui representante das comissões, me elegi chefe de departamento, fui vice-diretor da unidade, em 1992. Desde então, não tive mais cargo nenhum.

**Revista da Extensão:** Para encerrarmos a conversa, queria uma mensagem sua, para os leitores da Revista da Extensão.

**Alexandre Velly Nunes:** A minha mensagem é que a extensão é, na minha opinião, a maior

ferramenta que a Universidade tem para dar de volta à sociedade tudo que ela investe em nós.

Durante um tempo, a extensão foi o patinho feio. Depois, ela meio que se igualou com a pesquisa. Mas, eu acho que a extensão deveria ser a prioridade. Acho que nós deveríamos ser praticamente obrigados a fazer extensão. Ou seja, levar para a sociedade gaúcha, porto-alegrense, as nossas competências. Eu estou no judô há mais de 55 anos, entre atleta, treinador, professor. Se eu puder levar isso para a sociedade e transformar um pouco esses meninos e meninas que passam por aqui, ou os NOLTs (NR: algo como “novos velhos”, em tradução livre do inglês), (falei aqui que eu já não trato mais os meus 150+ como idosos; são os caras que estão tentando viver a sua vida independente desses conceitos da idade). Se eu posso fazer isso, então estarei satisfeito.

E, tem um grupo de pessoas que está aqui sendo mais saudável, mais feliz - tem aluno de 86 anos, 77 anos, 76, e os outros, os mais jovens, como eu, de 65, 66, 67. E os mais novos, de 53, que já são mais fora do peso. Se eu posso fazer isso com esses meninos aqui, que me ligam todo Natal, que trabalham de *motoboy*, eu me sinto feliz e satisfeito com a minha troca. A universidade, o governo federal, me pagam para eu fazer isso aqui. E eu

faço porque eu gosto de fazer. Porque, como você sabe, com 42 anos de serviço público, eu já podia ter saído. Parece fácil, mas é difícil para mim sair aqui. Deixar minha sala, meus alunos, o que eu ajudei a construir. Então, eu me esforço. A gente construiu isso. Vamos continuar aqui e provavelmente eu só vou sair quando me expulsarem (risos), aos 75 anos.

Uma vez eu fui no Salão de Extensão e ganhei premiação. É tão diverso os projetos apresentados que quando participamos do evento, mesmo que para competir, e acabamos por não ganhar, acabamos, ainda assim, achando que foi justo e celebramos o trabalho do outro grupo, o que venceu. No último que participei, o grupo que ganhou foi fantástico. São tão diferentes os trabalhos que é difícil de comparar, às vezes. E a gente faz aqui uma pequena parte, uma pequena troca.

Por fim, eu parablenizo vocês pela divulgação da extensão. Acho que a extensão é esse mundo de coisas. E eu estou muito feliz por estar aqui. Eu só estou na Universidade, ainda, porque tem a extensão que me mantém. E porque eu ainda, como vocês viram, me divirto dando aula e fazendo o que faço. Eu agradeço imensamente a oportunidade, a PROREXT, e a toda a equipe com a qual eu trabalho, que é muito boa! ◀

